

[[A]]INFO

ORGÃO DE EXPRESSÃO ANARQUISTA - n° 016 JANEIRO 2013



**2013
NAS RUAS!**

A primeira coisa importante é que essa proposta é atual e tem no mundo, várias organizações envolvidas com a proposta do sindicalismo revolucionário e se unem em volta da Associação Internacional dos Trabalhadores.

página 06

Fevereiro Antifascista 2013

Na sociedade, embora estejamos no século XXI e tenhamos muitos progressos, isso não se traduz em práticas culturais e sociais livres e igualitárias...

Página 05



Entendendo o especificismo, plataformismo e afins

Isso significa, ao menos em um sentido prático, da formação de um núcleo de militantes formadxs e motivadxs pelo anarquismo e que possam atuar em diferentes meios, sem perder a referência anarquista.

página 04



((A)) Editorial

A luta continuará em 2013.

Apesar do que dizem, não há motivo para nos acomodarmos ou nos resignarmos. As sociedades em boa parte do mundo continuam sobre o julgo de opressorxs e exploradorxs e essxs não vão largar suas riquezas assim de boa vontade. É ingenuidade acreditar que xs poderosxs vão mudar e que começarão repartir sua fartura, seus lucros, seus ganhos com o restante da humanidade, restante essa que é mais de 90% da população mundial, sem levar em conta o meio ambiente e todas as espécies que agonizam com esse modelo de acumulação descontrolada nas mãos de poucos.

As péssimas consequências do acumulo de riquezas chegaram no século XXI, estão presentes agora. Para mudar isso, cabe a cada umx fazer a luta em todas as instâncias da sociedade, de cada indivíduo às instituições coletivas, precisam mudar e mudar é ir além de sua zona de conforto, de desafiar suas crenças e preconceitos, destruí-los e construir tudo novo e se preciso, tudo de novo e de novo, até rompimento definitivo. Nas ruas, bairros, escolas, universidade, fábricas, escritórios, campos e fazendas, pela emancipação de todxs!

Consulte sua consciência ...

Com frequência, é necessário reafirmar nossos ideais, claria-los para todos e assim dissipar dúvidas residuais.

Adeptos daquilo que chamam anarquismo ou qualquer coisa que queiram chamar (já que estamos menos preocupados com o nome do que com o conteúdo). Pois bem, dentro desse conteúdo é comum nossa crítica ao Estado e a qualquer forma de governo que tenham como base a exploração e a opressão, como ditaduras, monarquias, parlamentos e democracias representativas.

Entendemos que sem a participação direta de todos, não há igualdade e justiça, porque sempre haverá um “esperto” ou um grupo deles em partidos querendo se fazer de os “legítimos representantes” da cocada preta e assim governar e mandar nos outros. Não suportamos isso!

Não mandamos e não somos mandados, tratamos cada um com respeito e igualdade. É isso simples e

puramente que fazemos. Se temos que fazer algo, não mandamos em ninguém, resolvemos em grupo o algo para fazer e como faze-lo. Como temos responsabilidades, assumimos sem titubiar as tarefas necessárias. Afinal, temos um compromisso com a transformação da sociedade e isso não acontece da noite para o dia. As tarefas são inúmeras, os inimigos também. Diariamente nos dedicamos a causa, as vezes um pouco, as vezes muito, mas fazemos.

Esse compromisso não é uma obrigação com sanções e punições. Temos bem claro que se não fizermos, a pior consequência é a manutenção do sistema, do Estado, da exploração e opressão. Isso já é a pior punição que poderíamos ter! ... O sistema se perpetuando em nossa falta de ação ou demora em lhe responder a altura suas atrocidades econômicas, sociais e ecológicas.

Consequentemente, adeptos da auto-organização da sociedade, denunciemos as farsas dos partidos de esquerda, centro e direita. São sacos da mesma farinha que

querem a mesma coisa, isso é, o poder na forma de Estado e suas instituições. Eles se degladiam por isso. E a sociedade que se “phoda”....!

Amigos leitores já não está na hora de conhecermos outras alternativas de política que evitem tais parasitas? Primeiro, neguemos a tais políticos e seus partidos a existência e o sustento, não filiando-se ou desfiliando-se deles, não indo as urnas ou votando nulo com 00. Tais vagabundos devem produzir seu sustento como nós fazemos!

Segundo, denunciemos

seus assistencialismos, suas cooptações e seus caminhos suaves, suas manipulações pilantrópicas. Desconfie da boa vontade desses senhores, porque só a promoção que querem e as nossas custas!

Terceiro, assumamos e façamos organizações autogeridas, descentralizadas de produção e distribuição do que necessitamos. É um caminho árduo, mas um caminho honesto, justo, igualitário e libertário. Nada mais e nada menos é o que fazemos.

Isso é um convite, uma forma de agir. Se não

interessar, faça a sua, mas não deixe de fazer! A cada minuto, milhões de pessoas morrem das mais diversas formas por causa do sistema. Se é certa a morte, muitas seriam evitadas por mudanças de posturas, com mais conhecimento, com mais ações e muito mais luta por justiça e liberdade.

Consulte sua consciência, entenda o mundo em que vive! Pratiquemos a máxima “Conheça ... e esse conhecimento te libertará! Saúde e anarquia!



Atenção

Materiais postados são inteiramente de responsabilidade de quem o assina tanto como grupo ou como indivíduo@.

Materiais sem assinatura é de responsabilidade da associação editorial do A-Info.

LICENÇA CREATIVE COMMONS

Você tem a liberdade de:

Compartilhar — copiar, distribuir e transmitir a obra.

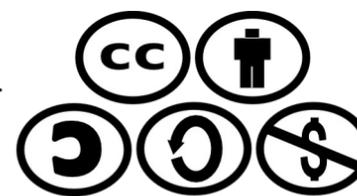
Remixar — criar obras derivadas.

Sob as seguintes condições:

Atribuição — Você deve creditar a obra da forma especificada pelo autor ou licenciante (mas não de maneira que sugira que estes concedem qualquer aval a você ou ao seu uso da obra).

Uso não comercial — Você não pode usar esta obra para fins comerciais.

Compartilhamento pela mesma licença — Se você alterar, transformar ou criar em cima desta obra, você poderá distribuir a obra resultante apenas sob a mesma licença, ou sob uma licença similar à presente.





Anarquismo, uma razão de ser

O sistema capitalista destrói nosso planeta implacavelmente e muito pouco é feito para barrá-lo em sua gana global de riqueza suprema. Não importam mais as vidas da fauna e flora de nosso mundo e muito menos o equilíbrio ecológico de nosso planeta. As convulsões presenciadas atualmente (maremotos, terremotos, inundações, secas etc) são respostas ao desequilíbrio proporcionado pelo sistema capitalista. O sistema capitalista consegue anular seus desenvolvimentos tecnológicos, o que torna-o tão bárbaro como qualquer outro sistema social já vivido pela humanidade. O grande problema é que o sistema capitalista conseguiu dar um salto na destruição em massa de todos os recursos existentes, extinguindo-os ou em vias de extinção.

Isso é gravíssimo e precisamos agir prontamente em parar esta destruição sistemática. É hora de desenvolvermos um sistema justo, harmonioso, livre e igualitário, que é o sistema anarquista.

O sistema capitalista, o qual em que vivemos, tem como base a exploração de muitos por poucos; incentiva a competição predatória e a total desumanização dos indivíduos em busca de valores egoísticos, consumistas e fúteis. Esses elementos característicos do sistema capitalista, fundamentados em sua estrutura educacional, formam milhões de pessoas nestas características predatórias. Com estes elementos arraigados no seio da sociedade, em todas as classes sociais fornecem o lastro de perpetuação do sistema capitalista, é a chave de seu sucesso como sistema social desigual.

O desafio do anarquismo fundamenta-se em desenvolver-se tendo em vista a humanidade, a liberdade, o respeito e a igualdade, elementos inexistentes no capitalismo. Se no capitalismo, a prioridade é o lucro máximo a um custo mínimo, qual seria, então, a prioridade do anarquismo?

Em uma rápida análise seria o desenvolvimento da vida humana de forma coletiva e individual. Tal é o compromisso e seriedade do programa anarquista, qualquer coisa ou meios que não visem essa prioridade estão descartadas. Acima das instituições, dos partidos, dos governos, das religiões, apenas a humanidade em aspectos coletivos e individuais. E isso necessita o desprendimento das ideologias capitalistas que preconceituam o anarquismo com os mais interessantes adjetivos como caos, bagunça, utopia, sonho etc. A flexibilidade dinâmica do anarquismo felizmente aceita tais conceituações, pois o convida sempre a refletir sobre sua ação. Isso torna o anarquismo um sistema em constante transformação, o que o torna difícil de entender em uma primeira avaliação. O anarquismo busca transformar-se e a tudo ao seu redor.

O anarquismo por assim dizer, é revolucionário. De índole pacífica e racional, busca por todos os meios trazer a razão, as milhões de pessoas imersas no capitalismo e que prendam uns aos outros implacavelmente. Não só demonstramos os danos perpetrados pela ação capitalista, como constantemente lembramos que cada pessoa é explorada e oprimida e deve romper com isso.



**FEVEREIRO ANTIFASCISTA
2013**

ORGANIZA, LUTA!

Combata o totalitarismo de esquerda e direita

Mais uma edição do Fevereiro Antifascista ocorrerá no mês que vem. Sua origem é uma resposta a violência que assassinou um homoafetivo na cidade de São Paulo em 2000, Edson Neris. Esse caminhava com seu companheiro na Praça da República, de mãos dadas quando foram abordados por um grupo de extremistas de direita (skinsreds bonereds) e atacaram na covardia a dupla, sendo que um deles não resistiu aos ferimentos e morreu. Esses ataques sempre existiram e não só contra homoafetivxs mas com todxs que sejam considerados diferentes dos padrões tradicionais de dominação, que tendem a enobrecer os "homens, brasileiros, religiosos, brancos e ricos" e tudo que seja relacionado a isso e hostilizar de todas as formas tudo que seja contrário a esse padrão.

Na sociedade, embora estejamos no século XXI e tenhamos muitos progressos, isso não se traduz em práticas culturais e sociais livres e igualitárias, pelo contrário, com o avanço na produção de riquezas, cada vez mais ocorre sua maior concentração em todo mundo e claro que com isso, parte a sociedade busca responsabilizar alguém como culpadx de suas frustrações por conta desse desequilíbrio econômico. Assim temos grupos que se passam por patrioticxs, nacionalistas, religiosxs e que dizem que é necessário fechar o país, que não devemos nos misturar com outras culturas, que são superiores e que suas dificuldade são culpa sempre dxx outrxs. São apologistas da xenofobia, do preconceito, do ódio, da discriminação contra tudo e todxs aqueles que os façam sentir oprimidxx e exploradxx, mas que no fundo, são mantenedores dos poderosos e dominantes, esses sim, xs verdadeirxs opressores e exploradores.

Organize atos, faça materiais chamando atenção e buscando união contra os ataques desses grupos sociais sociopáticos. Não passarão!!!



**Organiza e Luta!
Anarquia Sempre!**

Entendendo o especificismo, plataformismo e afins

O especificismo ou plataformismo (devido a influência da Plataforma Organizacional dos exilados russos do Dielo Truda) dependendo da região, é uma concepção de organização anarquista. Ao menos se definem assim. O que não se leva em conta, ou se omite propositalmente, é que todxs xs anarquistas procuram se organizar, porque se atacam os governos e os Estados, não negam a importância de uma organização entre iguais em direitos e deveres diretos sem enrolações burocráticas. Existe um erro comum e isso se aproveitam alguns, inclusive que se dizem “anarquistas”, de que ao se falar em anarquismo, estejam falando do liberalismo e sua radical negação de qualquer organização que leva à uma libertinagem egoísta e superficial, muito rebelde, pouco revolucionária.

O termo especificismo é utilizado e foi difundido pela Federação Anarquista Uruguiaia (FAU), que com ele refere-se à corrente anarquista que historicamente defendeu a necessidade da organização específica anarquista. Isso significa, ao menos em um sentido prático, da formação de um núcleo de militantes formadxs e motivadxs pelo anarquismo e que possam atuar em diferentes meios, sem perder a referência anarquista. Pensemos o seguinte: atualmente existem diversos movimentos sociais, cada qual com suas características próprias e todos igualmente importantes para a luta emancipatória, se pensados assim. Em cada um deles, existem vários tipos de militantes, de partidos, de ONGs, de setores distintos da sociedade, com suas próprias perspectivas de mundo, que podem variar de um extremo a outro, tornando o movimento social um espaço de disputa ideológica e que sempre prevalece aqueles que possuem maior influência, imprimindo maior ou menor capacidade de luta direta ou apenas ações reformistas e placebos.

Nesse ambiente como atuarmos? Uma resposta possível é termos grupos unidos (especificamente anarquista, daí especificismo) que possam participar e se conseguirem, influenciar os movimentos sociais diversos para fins emancipatórios. É assim que o especificismo atua, como um grupo de militantes anarquistas em todos os movimentos sociais e organizações que possam ter alguma forma de intervenção e quem sabe, ser a proposta mais influente naquele meio, a corrente “organizacional” da vez.

Deste modo, o especificismo apresenta que a organização da luta deve se dar em dois níveis distintos: o da organização anarquista e o dos movimentos populares – que devem se formar com base na necessidade e não se resumir a uma determinada ideologia, como no caso do anarcossindicalismo. Isso é uma perigosa justificativa para se atuar e fazer alianças com inimigos históricos (totalitários de esquerda, marxistas e partidos populistas). Se justificar que estão atuando pela necessidade, pode levar a negar princípios fundamentais do anarquismo e criar contradições, como formar chapas para concorrer à diretorias e presidências dos movimentos, fazer parcerias com traidores autoritários

(correntes marxistas por exemplo) em busca de ampliar a influência, em busca do poder, mesmo que o diga “popular”, não o será dentro de instituições moldadas para reformas e controle, seja de uma minoria, seja de uma maioria. Apresentar o anarcossindicalismo como uma ideologia é não compreender o próprio papel de agente específico do anarquismo, onde o sindicalismo revolucionário

como uma organização de minoria ativa; a centralidade da luta de classes e a prioridade no trabalho social junto aos movimentos populares (movimentos sociais, sindicatos, etc.); a unidade teórica e ideológica; a unidade estratégica e tática; o processo decisório marcado pela tentativa de consenso e, não sendo possível, pela votação; e a ênfase no compromisso militante.

O trecho acima explica por si só porque o especificismo causa tanta desconfiança a tantas vertentes anarquistas, e como não desconfiar de uma minoria ativa? De uma centralidade da luta de classes? De uma unidade de tudo... de uma totalização disciplinante, mesmo que chamada de anarquista?

Isso realmente cria uma resistência em aceita-la como uma proposta anarquista de fato e não uma tendência partidarizante dentro do anarquismo. O aspecto positivo, que realmente é que com a organização, isso não é mérito exclusivo do especificismo, o anarquismo pode atuar de forma clara e objetiva em qualquer movimento social, sem se submeter as imposições partidárias, estatais, legais e reformista que também atuam nesses movimentos. Longe da atuação de uma suposta minoria ativa, o que se deseja e se faz, enquanto anarquismo é trazer o conhecimento emancipador a luz da ação, sem ser impositivo. O fato mais crucial de tudo isso é que se deve desenvolver o compromisso e autocritica de forma que o anarquista não fique refém de uma rígida disciplina e de uma crença cega que supostos militantes mais experientes possam induzir, já que isso não remeteria à práticas anarquistas e emancipatórias, mas sim, a uma regulamentação institucional proto-partidária.

Texto baseado no verbete do Dicionário do Anarquismo (fonte anarkismo.net).

é apenas uma parte do processo emancipatório. O que está omitido aqui é que o especificismo tende e atua no sindicalismo reformista, procurando se afirmar dentro dele como uma opção, uma facção, mais uma corrente dentro do sindicalismo legal, institucional. Daí, se formos pegar os princípios do anarcossindicalismo apresentados pela Associação Internacional dos Trabalhadores, a AIT ou IWA em inglês, teremos um problema sério: A AIT condena esse tipo de prática ou tática realizada pelo especificismo. Ou seja, no anarcossindicalismo, não é possível atuar, mesmo em forma de uma suposta “oposição”, dentro das organizações sancionadas pelos Estados e pelas patronais, com é o caso dos sindicatos oficiais no Brasil. Mas isso vai além, a Internacional de Federações Anarquistas (acrônimo IFA) que é co-irmã da AIT também se opõe a esse tipo de “parceria”, mesmo que seja uma oposição, por parte de qualquer grupo anarquista. Daí podemos ter uma noção do porque da dificuldade de atuação entre organizações especificistas e outras vertentes e da facilidade com que tem os especificistas em atuar com partidos políticos, grupos vanguardistas e instituições legais e governamentais.

O modelo de organização do especificismo possui suas bases no anarquismo clássico, tendo sido defendido por

Longe da atuação de uma suposta minoria ativa, o que se deseja e se faz, enquanto anarquismo é trazer o conhecimento emancipador a luz da ação, sem ser impositivo.

Mikhail Bakunin, Errico Malatesta, os russos exilados do Dielo Truda, entre outros. Bakunin defendeu um modelo deste tipo para a Aliança da Democracia Socialista, quando em sua atuação no seio da Associação Internacional dos Trabalhadores (Primeira Internacional); Malatesta defendeu posições semelhantes em sua formulação do “partido anarquista”; o Dielo Truda, semelhantemente, na Plataforma Organizacional dos Comunistas Libertários. Posições similares foram defendidas em diversas épocas e nos mais diferentes locais por anarco-comunistas que sustentavam uma linha “organicista” de anarquismo, fundamentada na organização e na vontade dos trabalhadores para promover a transformação social por meio dos movimentos de massa. Nesse caso, é importante salientar que é importante a compreensão das condições históricas em que cada uma dessas concepções foram desenvolvidas, pois se num primeiro olhar vemos uma certa similaridade entre elas, ao analisa-las melhor, percebemos que cada uma foi construída com base e com determinado objetivo e se descontextualizado desse propósito, pode-se dar qualquer contorno, ao capricho do interprete.

Desde o século XIX, outras concepções vêm sendo incorporadas ao que hoje se entende como “especificismo”, que é defendido por uma série de organizações anarquistas brasileiras: a compreensão do anarquismo como ideologia e, portanto, com um vínculo necessário com uma prática política com objetivo de transformação social; a organização como elemento imprescindível para a luta; a concepção da organização específica anarquista



A importância do nome próprio

Olá, prazer em conhecer. Meu nome é XXXXX.

Olá, o prazer é meu. Eu sou a namorada de fulano.

A conversa acima é bem estranha, não? Não?! Sim, é muito estranha. E infelizmente acontece muitas vezes nas relações do dia a dia entre as pessoas, sendo que geralmente a pessoa sem nome e sem identidade própria (nesses diálogos) é uma mulher. Como isso ocorre? Muitas vezes sabemos, mas não prestamos atenção.

É comum no mundo (hetero)patriarcal em que vivemos frases como "Quem veio comigo até aqui foi a minha mulher", "Eu conversei com a minha mina" ou até mesmo "Aqui é a XXXX, namorada de fulano". Seremos diretxs: na nossa opinião esse tipo de fala faz parte de uma cadeia de dominação que rouba dxs indivíduos, e na sua maioria são mulheres, a identidade própria a partir do momento em que estão num relacionamento. A triste mania de se referir a uma mulher que escolheu estar junto com alguém como "mulher de fulano" demonstra isso muito bem, ela perdeu o nome e identidade que tinha até então. É meramente um detalhe? Acreditamos que não, pois todas as pessoas esperam ser reconhecidas e lembradas pelo que são, não pela sombra de outra pessoa com quem tem algum tipo de ligação afetiva – todas as pessoas tem um nome para ser chamadas, acreditamos que não deva haver nenhum tipo de relação de posse.

As opressões também passam pelas palavras que usamos para nos comunicar. Nos educar para não usar palavras e expressões racistas, (hetero)sexistas e patriarcais com quem conversamos é também uma das formas de ter no dia a dia pedaços das mudanças que queremos ver no mundo.

Por Minas Terrestres



Revolta na contra-mão

Cuidado, anarquistas, feministas, tal grau de radicalismo, podem sem querer fazerem vocês andarem na contra mão!

Conteste toda as autoridades, conteste suas próprias ações, e se elas no inicio estava concluentes ou se ainda estão ou se sem querer elas apenas estão invertendo os papeis!

Sei que inverter os papeis não é o objetivo, mais o que difere das ideias são os métodos, os métodos que faram convictas as ações, pois o que difere são os métodos de colocar em pratica!

Anarquistas que querem impor que você seja livre, feministas que julga o ato de você ter um órgão genital masculino você já é machista, opressor, e etc.

O anarquismo, sempre trabalhou com a ideia de libertar a humanidade de todos os opressores, mais não que um vai livrar o outro de suas presas, mais sim que dará instruções para que o próprio se emancipe!

O feminismo, a igualdade entre o sexo, sei, muito bem, que eu como homem, não sei como é ser todo dia abusado verbalmente, assim, como um branco não sabe como estar na pelo de um negro perante o racismo, concordo com todos esses argumentos utilizados!

Mais veja bem, como já ouvi feministas defenderem, dizendo de modo irônico que acha bonzinho, homens dizerem que é feministas, porque é fácil, pra eles, mais quando mulheres dizem era é bruta, violenta, grossa etc

O que da para entender é que homens por mais que tentam, ser alguém melhor, lutar pelo feminismo, não tem jeito será sempre machista, porque ele tem o órgão opressor, que no caso é o órgão masculino, ele tem um pênis!

Ou seja com essa visão, só as mulheres são capazes, e podem ser feministas, os homens são apenas para serem o ser bonzinho, o bonzinho da historia!

Então tá, vamos refletir, se os homens as próprias feministas defende os homens que são machistas, se preocupando em apenas atacar, e atacar, e pronto, se o fato em geral, uma pessoa que qualquer ouvindo um discurso desse um cara ouve numa palestra sobre o feminismo, que o homem já é opressor só por ter um órgão genital masculino, você acha que ele vai pensar o que? simplesmente, se o "fato de eu ter um órgão masculino já me faz um opressor machista, e acabou, não depende de minhas ações e sim do meu órgão genital, logo, não vou querer a mulher no poder, e se pela igualdade não daria para mim lutar junto com as feministas, ah então serei machista mesmo!!!"

Gentileza, não é questão de sexo!

Se os livros de um camarada cair, e eu ajuda-lo a pegar, eu sou firmeza, se caso ele for uma mulher, eu estarei dizendo que era é incapaz de pega-los o livros que caíram sozinhos?

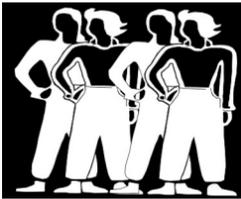
Será que temos que tomar cuidado com a solidariedade, com o apoio mutuo coisa que o anarquismo sempre levou como métodos, agora tenho que me preocupar se minha ajuda pode ser uma ajudar por gênero, porque se não podem pensar que estou querendo ajudar só porque é mulher, e que estou com segundas intenções e não porque sou solidário!

Buscamos sempre ser alguém melhores, não apenas para nós mesmo, e sim para todos os seres vivos ao redor! independente de gênero, cor, nacionalidade e de especies, como os casos dos vegetarianos e veganos, bom logo mais termino tal texto, tenho que sair!

Forte abraço a todxs!

Beijos

Por Cleber



Iniciando no Sindicalismo Revolucionário

Uma grande parte dxs trabalhadorxs não conhecem e nunca ouviram falar do sindicalismo revolucionário. Isso é um grande desafio para para nossa luta. Pensando nisso, resolvemos escrever esse artigo para ajudar na informação e formação de núcleos de ação sindical revolucionária.

A primeira coisa importante é que essa proposta é atual e tem no mundo, várias organizações envolvidas com a proposta do sindicalismo revolucionário e se unem em volta da Associação Internacional dos Trabalhadores. Por isso, não é uma proposta isolada ou nostálgica, embora procure trazer a tona a memória das lutas dxs antigxs companheirxs. No Brasil, por exemplo, o sindicalismo revolucionário existiu como uma força real dos trabalhadorxs até a fim da década de 40 do século passado, quando é marginalizado pelo governo fascista de Vargas e constantemente atacado pela esquerda institucional e reformista, que visava tomar o controle do sindicalismo da forma que conseguissem como parte de ascensão ao poder estatal que tanto almejavam.

A segunda coisa importante para a construção de ações sindicalistas revolucionárias é que sua constituição não precisa de autorização de nenhuma organização sindicalista oficial e de nenhum governo. É uma associação livre de trabalhadorxs que visam se defender e resistir aos mandos e demandas dos patrões e do Estado. Consequentemente sua estrutura é simples: trabalhadorxs unidxs no local de trabalho levantam suas reivindicações e em torno delas se associam de forma igualitária, sem chefe, sem líder, sem partido, sem diretoria, sempre procurando envolver todxs no processo construtivo de documentos e ações e são as assembleias, um bom meio de construir e fazer. Nelas se educam para luta direta, sem intermediário e aprendem que todxs podem e devem participar, sem hierarquização. É da necessidade direta dxs trabalhadorxs que ocorre a união e não de uma imposição legal feita por “legisladores”.

Terceira coisa importante, todxs os trabalhadorxs podem e devem ser sindicalistas e formar núcleos de sindicalismo revolucionário, porque sindicalismo de verdade é feito por trabalhadorxs e para xs trabalhadorxs sem

burocracia e nem profissionalismo. É claro que isso remete a uma quarta coisa: entender o sindicalismo atual, sua estrutura e como ataca-la e denuncia-la. Como nossa proposta procura a legitimização da ação pela união dxs trabalhadorxs e não por uma “autorizações do MTE” para existirem e fazerem as coisas, é claro que temos a ciência que isso acarreta em medidas criminalizantes e que estaremos dispostos a enfrentar. Lembremos que a luta sindical hoje é feita muito mais por alguns advogados e diretores sindicais em reuniões as portas fechadas com a patronal sobre o aval do Estado. Pouco impacto se têm se milhares de trabalhadorxs vão as ruas por seus direitos, porque a mídia usa essas situações como propaganda negativa, contra a luta dxs trabalhadorxs. Nesse sentido, cada trabalhadorx, como parte da população precisa atuar de forma a neutralizar tais propagandas dos poderosos e isso se dá nas ações locais nos bairros e com todo o redor. Quanto mais união dos trabalhadores e população oprimida e explorada, melhor para a luta.

A quinta coisa importante disso é que estamos em uma luta de classes e isso está mascarado em discursos harmonizantes e conciliadores. Patrõxs e trabalhadorx não são amigxs, empregadorxs e empregadxs nunca serão iguais, não importa o quanto se digam xs poderosxs e esse fato deve ser sempre apresentado. Nunca tivemos as mesmas condições e não somos iguais perante a lei e a justiça aqui no Brasil, como em todo o mundo se dobra diante do poder censitário, da força econômica.

A sexta coisa para se ter em mente é que o sistema capitalista divide, divide e divide xs trabalhadorxs em categorias e corporativiza trabalhadorxs chaves, de forma a isolar-nos umxs dxs outrxs, facilitando o controle e repressão por parte do Estado e dxs patrõxs/empresárixs/empregadorxs. O que devemos fazer é o rompimento desse lógica e promover a união dos trabalhadorxs por ramos de produção e dessas entre si, rompendo com a lógica de fragmentação e isolamento imposto pelxs poderosxs.

Todx trabalhadorx, assalariadx, exploradx e ferradx tem na sua união, uma forma de romper e resistir a tal situação. O sindicalismo revolucionário é essa opção de luta direta e atual. Não fique paradx e esperando, isso só ajuda a desigualdade se manter.

Conheça, organiza e emancipa!



Os Princípios do Sindicalismo Revolucionário

Muitxs desconhecem a Associação Internacional do Trabalhadores, ou Internacional Workers Association (acrônimos AIT e IWA). Essa organização é uma confederação de associações/federações sindicalistas revolucionárias por países, com Portugal, Espanha, Alemanha, França, Inglaterra, Sérvia, Polônia, Rússia, Itália, Argentina. No Brasil, existem alguns projetos em andamento, ainda em estágios iniciais e tímidos e com forte influência do sindicalismo oficial, o que imprime práticas de cunho centralizador e autoritário. O rompimento com isso não é fácil e a experiência tem mostrado que para lidar com isso, somente com a maior participação dos militantes, quando esses se omitem, é dado espaço para que pessoas de perfil autoritário e de lideranças carismáticas

tomem o controle, distorcendo a proposta para seus fins escusos. Para neutralizá-lo, só com a participação ativa de todxs, aliás, é a prática que se propõe em todas as esferas da sociedade.

Voltando ao sindicalismo revolucionário, é importante entender que não é um fim em si, mas parte de processo revolucionário, parte das tantas lutas que temos e não algo que se faça de forma isolada, porque a emancipação ou se faz por tudo e todxs, ou só teremos trocas de papéis, uma inversão de opressão e oprimido, enquanto que a avanço qualitativo é para superação desse impasse, sem negar as histórias das desigualdades envolvidas nesse processo. Não se perdoam xs opressorxs e xs exploradorxs, se combate e se erradica tais criminosxs.

Há ainda mais coisas a serem escritas e a faremos nos momentos oportunos. Há mais informações em: <http://iwa.ait.org>.

Para ajudar também, publicaremos os princípios do sindicalismo revolucionário, verdadeiros postulados de uma nova organização que enfrenta o sistema em vez de querer reformá-lo. De luta contra o sistema e não de conciliação com o mesmo.

Lembremos de sua máxima: A emancipação dxs oprimidxs e exploradxs é obra dxs proprixs exploradxs e oprimidxs!

1. O sindicalismo revolucionário, baseando-se na luta de classes, tende para a união de todos os trabalhadores através de organizações econômicas e de combate que lutem pela sua libertação do duplo jugo do Capital e do Estado. A sua finalidade consiste na reorganização da vida social, com base no Comunismo Libertário e mediante a própria ação revolucionária da classe trabalhadora. Considerando que apenas as organizações econômicas do proletariado são capazes de alcançar este objectivo, o sindicalismo revolucionário dirige-se aos trabalhadores, na sua qualidade de produtores e de criadores de riquezas sociais, para neles germinar e se desenvolver, opondo-se, assim, aos modernos partidos operários, os quais considera sem capacidade para uma reorganização econômica da sociedade.

ANTICLERICAL & CIA

Sobre deuses que criam almas e/ou que cuidam do seu destino após a morte dos indivíduos

Esses deuses não existem porque almas não existem. Na época em que foram escritos a bíblia e o corão, por exemplo, virtualmente nada se sabia sobre o universo. Acreditava-se que a Terra era o centro do universo, que todas as formas de vida haviam sido criadas simultaneamente em suas formas atuais em um passado recente, e que a matéria vida se distingue pela presença de uma certa "força vital", cuja fonte era usualmente associada a uma ou mais divindades. Isso fica bem claro na mitologia cristã sobre o surgimento do homem, que usa expressões como "fôlego da vida" ou "sopro da vida" para descrever o que teria sido insuflado nas narinas de Adão para transformá-lo de barro em homem. O texto hebraico usa a palavra ruah (respiração ou espírito), e o em grego utilizou-se (pnoen), uma conjugação de (pneuma), que não por acaso é uma raiz que ainda hoje utilizamos para nos referir a ar -- em português, inglês e muitas outras línguas. Como se notava que a morte sempre causava o fim da respiração, e vice-versa, imaginou-se que a respiração era a própria essência da vida. Pneuma ainda hoje significa espírito ou fantasma em grego.

Hoje em dia, qualquer criança que passe por uma boa escola aprende já no ensino fundamental que a Terra não é o centro do universo, que as formas de vida que conhecemos surgiram em instantes diferentes ao longo de bilhões de anos, que há séculos se sabe que a força vital não existe, e que nada há nos seres vivos além dos elementos químicos que também estão presentes nos compostos inorgânicos que formam o restante do universo, tais como hidrogênio, carbono, oxigênio, nitrogênio, etc. Esse é conhecimento corrente básico e consensual para o qual apontam uma infinidade de evidências científicas acumuladas ao longo de muitas décadas de experimentação. No entanto, infelizmente vivemos uma epidemia de ignorância científica em que grande parte da população desconhece elementos mais básicos do conhecimento disponível. Relativamente poucas pessoas

conseguem apontar corretamente a causa das estações ou o tempo necessário para a Terra dar uma volta completa em torno do Sol, por exemplo.

Muitas pessoas percebem que nosso cérebro é responsável pelo que somos: nossa personalidade, nosso humor, nossas memórias, nossos julgamentos morais, nossas inibições, nossos pensamentos e decisões. Uma pancada na cabeça pode acabar com sua memória. Um copo de álcool pode eliminar suas memórias e suas inibições, e alterar radicalmente seu senso moral. Antidepressivos alteram nosso humor. Doenças neurológicas afetam nossa personalidade e a maneira de nos relacionarmos com os outros. No entanto, essas pessoas não se dão conta de que esses fatos são incompatíveis com a ideia de uma alma imaterial ou transcendente que seria a fonte de nossa consciência. A alma não pode ser responsável pela memória, pois álcool, sedativos e pancadas na cabeça não poderiam atingir a alma. Pelo mesmo motivo, a alma não pode ser responsável por nosso humor, personalidade, consciência ou julgamentos morais. De fato, se houvesse qualquer influência externa de uma alma comandando o cérebro humano e seus processos, as faculdades de medicina precisariam ensinar teologia dentro dos cursos de neurologia. Mas não é o caso.

Em suma, até as pessoas minimamente bem informadas sobre o funcionamento do corpo humano já possuem o conhecimento necessário para perceber que toda nossa vida mental surge e se processa em nosso sistema nervoso, e não em uma fonte externa a ele, o que significa que almas não existem. É claro que isso não significa que não existe nenhum deus, apenas que não existem deuses que cuidam de almas. Por outro lado, esse fato dá um golpe mortal no cristianismo e no islamismo, por exemplo, cuja essência está nas ações necessárias para dar bom destino a essa peça de ficção chamada alma ou espírito. Como não existem almas, não existe nada a ser "salvo", nem céu, nem inferno, tornando sem sentido toda a teologia do monoteísmo ocidental. Bem poucas pessoas estariam dispostas a crer em qualquer divindade nessas condições.

Do sitio eletrônico <http://atea.com.br>

A Lanterna

JORNAL DE COMBATE AO CLERICALISMO

SÃO PAULO, 9-8-1934

Red. e Ad.: R. Senador Feijó, 8-B — Caixa Postal 2162

ANO XII — NÚM. 382

SEJAMOS POSITIVOS EM NOSSA LUTA CONTRA O CLERO, FERINDO-O NA SUA CORDA SENSÍVEL: A AMBIÇÃO DE GANHO. BOICOTEMOS A MERCADORIA CLERICAL!

Nem um tostão para a igreja, nenhuma participação, direta ou indireta, em seus atos publicos ou privados. Nenhum esforço deve ser poupado contra o dominio clerical

REBOLIÇO NUMA IGREJA DAS SETE LAGÔAS

Um arcebispo trata o seu rebanho à pancada

Vou dar aos leitores de "A Lanterna" pequena notícia de coisas que a nós não espanta, mas para que muitos outros leiam e vejam as belezas da caridade.

Em 22 deste mês, deu aqui entrada, com a solenidade do costume entre povos da roça, um arcebispo de gloriosa memória. Sua chegada à estação da Central foi importante! Comparou-se ali uma bandinha de música (de empregados de oficinas, como se ve, operários pagos pelos centros da nação). Esta banda sempre foi e é a que anda nessas bujulações, quer de políticos ou de altas personalidades clericais, cujas andanças são as celebrações carnavalescas da clereia.

Compararam, também, umas 200 pessoas, isto é, pessoas que vivem aspirando os olores sacrálicos do incenso.

Apenas observei uma comissão de sacerdotes católicos e mais nada. O grande senhor montou no automóvel de "seu" Messias, comprado pelos pais-bozotas que lhe fizeram dele presente, e largou, sendo que parte dos fanáticos acompanhou-o para depois escreverem para a igreja, numa demonstração de idiotismo e imbecilidade.

Estou informado que "seu" Messias abençoou 1000 de cada sociedade católica para as despesas com esse "princípio" da igreja, não tendo escapado nem mesmo a tal de São Vicente, que dizem ser protetora das paróquias! Desviaram, assim, tais importâncias para reforçar a bolha do "representante do céu".

Durante a crisma, soube, por pessoa de confiança, que esteve na igreja

UMA SESSÃO DA COLIGAÇÃO NACIONAL PRO' ESTADO LEIGO



Aspecto da sessão, vendo-se à mesa (da esquerda para a direita) os srs. Gtúlio Amaral, comandante Coriolano Martins, sra. e prof. dr. Jerônimo Gueiros, dr. Lins de Vasconcelos, capitão J. C. Martins Ribeiro, J. A. Azevedo Almeida. Fizeram uso da palavra o comandante Coriolano Martins, sobre o Estado Leigo; o dr. Lins de Vasconcelos saudando o prof. Jerônimo Gueiros e os laicistas de Pernambuco e o prof. Gueiros agradecendo em empolgante discurso, através do qual fez o histórico da situação de Pernambuco.

A Liga Anticlerical de Campinas marcou um tento nos anais de sua atividade em prol da emancipação espiritual naquela cidade com o festival realizado na noite de 4 de corrente.

A casa esteve à cunha para ouvir os discursos pronunciados e assistir aos demais

As atividades da Liga Anticlerical de Campinas

Um festival que foi uma consagração da consciência dos anticlericais campineiros

amadores, uma engraçadíssima comédia, de um cômico irrisível, sob o título "Um padre finório", na qual o seu autor, companheiro Antonic Betista, soube aproveitar, com felicidade, alguns incidentes ultimamente ocorridos na campanha anticlerical em Campinas e que mantiveram

RECENSEAMENTO

Cuidado com as manhas de sacristia!

Cogita-se, como é sabido, de se proceder a um novo recenseamento. Não vemos nisso nenhuma anomalia. Entretanto, é preciso que os encarregados desse recenseamento não se deixem ludibriar pelos custos de visitação que se compõem nas taboalagens dessas bairrais a que beatos e menos prevenidos dão o nome de igrejas onde correm padres e freiras, bispos e papas.

Já há a lenda estupidamente padroada de que a maioria da população brasileira é católica. Prova em contrária temos-las nos milhares e à vista por toda a parte. Basta olharmos para a catedral da praça da Sé, que nunca termina, por interesse comercial católico e consone uniformidade e mais enormidade de contos de reis. Basta as beatas que, de bandeirinhas à mão, vão de casa em casa, implorar donativos para reconstrução de templos, feitorias de imagens e outras parvas e escarreaduras que lhes foram fornecidas pelos pastores das paróquias. Os registros de batismo, de modo nenhum, podem servir de base para recenseamento. Isso simplesmente por que muitas e muitas pessoas que foram batizadas, crismadas, casadas, etc. etc., hoje não são mais conscientes criaturas antecristãs. Cito, para fortalecer o argumento,



Colônia Cecília

A Colônia Cecília foi uma experiência anarquista do italiano Giovanni Rossi, no ano de 1890 no Estado de Paraná.

Giovanni Rossi foi membro da I Internacional (torna-se membro em 1873) e desde sua adesão, manteve acesso o projeto de um formar uma colônia experimental baseada no princípios de autogestão de sua economia, política e liberdade plena aos participantes. Nos meios libertários sua iniciativa não foi bem vista e criticavam esse caráter de fuga da luta que a imagem de uma colônia fazia.

A Colônia Cecília não foi a primeira colônia coordenada por Rossi, anteriormente, na própria Itália, desenvolveu algumas, sendo a mais conhecida a da Cittadella, na aldeia de Stagno Lombardo (norte da Itália) e que é abandonada em 1889. Mas isso não tira de Rossi sua disposição para tal iniciativa.

Após a longa travessia de barco, os pioneiros italianos desembarcam no Brasil, Rio de Janeiro e mudam a decisão de irem para Porta Alegre. Irão para o Paraná, pelo acordo com o governo (ler mais abaixo a tal respeito). Nos primeiros dias de abril, ele e seu companheiro Evangelista Benedetti, acampam na região que seria a Colônia, perto da cidade de Palmeira (18 Km).

Não há confirmação oficial de um tratado entre o Imperador e Giovanni Rossi a respeito de doação de terras, portanto é uma afirmação sem apoio histórico, o fato é que ele recebeu do recente governo republicano, a concessão de algumas terras com o acordo de que em 5 anos que as pagasse, transferindo assim a colônia o direito de posse, isso não aconteceu. Neste início, por perto de 16 pessoas, sendo apenas 1 mulher é que começam o trabalho da terra, “sem regulamentos nem chefes”.

Preparam o terreno e constroem alojamentos e depósitos de equipamentos e mantimentos, bem com cercados para os animais recém adquiridos. Tudo corre bem e no final de 1890, Rossi parte para Itália no objetivo de obter mais voluntários para o projeto. Esses chegam em levadas sucessivas, chegando aproximadamente à 200 pessoas em maio de 1891 (ver quadro populacional no livro). A estrutura da recente colônia não suporta o grande aumento, surgindo assim vários problemas consequentemente. Falta espaço nos alojamentos e há falta de alimentos. Em tal situação de emergência, formam um grupo de voluntários para trabalhar nas estradas do Governo. Outra alternativa usada foi a obtenção de crédito com os comerciantes, em Palmeira (lastreado no trabalho nas estradas). No

entanto, a comunidade se mantém (produção de tijolo, aumento da horta, ampliação dos alojamentos etc).

No entanto, no aumento da população da colônia e seu estado de pobreza generalizado, gera nos participantes, muitos dos quais, não tinham nenhum contato com o movimento trabalhador internacional ou conhecia as vertentes do socialismo, competitividade e um egoísmo forte se instalam em muitos (a sobrevivência vence a cooperatividade no grupo). Neste meio, instala-se o modelo político parlamentar e a ditadura de algumas famílias, corrompendo os princípios libertários de autogestão e coletividade/liberdade social.

Com um ambiente totalmente desestruturado, muitas famílias retiram-se da colônia, indo para a Curitiba. Em junho de 1891, restavam na colônia, sete famílias em disputa. No mesmo mês, tento a frente sete jovens, reestruturam a colônia em moldes libertários (autogestão e liberdade plena). Esta forma dura uns 4 meses, tento na colônia umas 30 pessoas. Por este período Rossi retorna a colônia, pois ele é a ponte entre a colônia e o mundo proletário, escrevendo e apresentando a colônia ao mundo, convocando voluntários.

No fim de 1891 chega mais dois grupos de famílias, sendo que a população da colônia chega aproximadamente a 100 pessoas. Embora uma revigorada na comunidade, não se alivia muito a situação de competitividade e rivalidade, chegando mesmo a criar uma corporação informal de família (comparação de quem trabalha e quem não trabalha). Algumas famílias procuram se

estabelecer independentemente da colônia. Como se verificava, a situação havia estagnado na colônia provocando um descontentamento e forçando a saída de muitos da colônia. Em abril 1892, o decréscimo populacional é muito grande, não há mais do que 40 pessoas na comunidade. Rossi solicita então a Cappellaro ir a Itália, para convocar novos voluntários para colônia.

Neste período, alguns ex-participantes (os Gattai estão no meio) da colônia são presos por roubo, contribuindo para uma má imagem da comunidade (até então era boa e regular nas redondezas da colônia). Após este incidente, observa-se um deterioramento nas relações sociais da colônia e a sociedade brasileira em sua volta, sendo que o governador do Paraná pede observação severa da colônia. A favor esta apenas a imprensa local, que procura desassociar a imagem de criminalidade dos ex-membros da colônia com a própria colônia, este apoio embora importante, é muito pequeno perto da campanha maciça contra a “famigerada colônia”.

No final de 1892, chega uma nova leva de famílias à colônia, subindo o número populacional para umas 80 pessoas. Os problemas anteriores, no entanto, se mantém, o autoritarismo de algumas famílias abafam o ardor libertário das novas famílias que chegam. Em 1893, há como houve anteriormente, saídas das famílias, descontentes com as condutas autoritárias de uns poucos. No período estima-se na colônia umas 50 pessoas. Após 3 anos de experiências da colônia, é apresentada a imprensa anarquista internacional um balanço geral da colônia. Rossi, sendo sincero, com sua

perseverança diminuída, apresenta reflexões críticas sobre a colônia, destacando as heranças burguesas que não são abandonadas na comunidade (inveja, gula, autoritarismo, intolerância etc). No aspecto sexual, Rossi apresenta um caso de um triângulo amoroso consentido, por parte do marido, de sua esposa por um outro. O ciúme e a dificuldade de lidar com situação são apresentados por Rossi. A falta de companheiras na colônia é um aspecto negativo que faz a moral cair. A idéia de amor livre (entende-se poligamia feminina) não é bem aceita no meio da comunidade, os conceitos conservadores e tradicionais ainda estão muito presentes nos habitantes da colônia.

O fim da colônia esta marcada por dois fatores: A Revolução Federalista de 1893 (Maragatos e Picapaus). Os primeiros são federalistas, descentralização e autonomia dos Estados enquanto os segundos, republicanos, querem um governo forte e central. Os colonos cecilianos aderem aos Maragatos. Tal adesão à causa federalista promove uma retaliação do governo central brasileiro, confiscando e vendendo as terras da colônia. O apoio não é pela causa, mas pela atitude autoritária do governo (representantes do governo exigem pagamento de impostos e quebram instrumentos de trabalho e alojamentos da colônia).

Não há um fator específico para o fim da colônia, mas vários que se destacaram ao longo de sua jornada, sendo que a data última da colônia seria em abril de 1894, quando as últimas famílias saem da colônia e se dispersam pelo país.

Este texto foi produzido em 1998 para o Círculo de Estudos Dona Tina

Grupos | Coletivos | Associações | Iniciativas Anarquistas e Afins

Divulgaremos grupos, coletivos, iniciativas, experiências e afins que tenham relevância no movimento anarquista, independente a qual vertente anarquista estejam alinhados.



Federação Anarquista Gaúcha (restrita ao sul do Brasil)

Federação Anarquista Gaúcha ou somente FAG nasceu em 18 de novembro de 1995 quando um grupo de pessoas atuantes em grupos anarquistas de diversas cidades do Rio Grande do Sul se reunem junto com um delegado da Federación Anarquista Uruguaya e fundam a organização de orientação anarquista e socialista defendendo a autogestão popular e o federalismo libertário.

A FAG está hoje espalhada em diversas cidades do Rio Grande do Sul. Com localidade principal em Porto Alegre, a FAG pode ser definida enquanto uma organização especificista, corrente que se forjou a partir da atuação política da FAU e que possui influências históricas como A Aliança de Bakunin, o Partido Revolucionário de Malatesta e o Partido Liberal Mexicano dos irmãos Magon (ambos anarquistas) e da Plataforma dos anarquistas russos que tiveram participação no processo revolucionário Russo. A atuação política da FAG se dá pelo trabalho com os movimentos sociais, populares como o movimento de catadores de materiais

recicláveis e a rádio comunitária da Restinga, um dos maiores bairros da cidade.

Ps: Veja também: Entendendo o Especificismo na página 04



Núcleo de Estudos Libertários Carlo Aldegheri

O Núcleo de Estudos Libertários Carlo Aldegheri (nome dado em homenagem ao anarquista italiano Carlo Aldegheri, que também militou na França, na Espanha e viveu durante muitos anos no Guarujá) tem como proposta inicial o estudo das teorias e práticas anarquistas através do seu desenvolvimento histórico, objetivando, assim, resgatar fatos e acontecimentos que colaborem para uma melhor compreensão da conjuntura vigente, contribuindo para a formação política de novos militantes, edificando possibilidades de atuação social e, ao mesmo tempo, evitando a repetição de certas ações improdutivas que a experiência do passado nos ensina.

pretendemos atuar publicamente organizando atividades socioculturais como: exposições de filmes com

conteúdo libertário, seguido de debates, promovendo e proferindo palestras, participando coletivamente com outros coletivos em grupos de estudos, em suma, realizando eventos com o propósito de coletivizar ao máximo o resultado de nossas pesquisas, sempre com o objetivo de fomentar a prática do anarquismo, independente dos seus adjetivos, já que entendemos o anarquismo enquanto fim, ou seja, a prática da cooperação, do apoio mútuo, da troca de conhecimentos de forma autogestionária, da constante busca de possibilidade através da ação direta, com base na liberdade responsável.

Também está em nosso programa de atuação, tomar parte em campanhas de solidariedade á outros grupos e indivíduos libertários, assim como, a participação em manifestações políticas (apartidárias, obviamente) e ações coletivas junto aos diversos movimentos sociais, atuando sempre de forma autônoma e libertária.

Coletivo Anarquista de Piracicaba e Região

Quem somos

Entrevista com o CAPRE publicada no blogue Terra sem Lei em janeiro de 2010.

1- Quando e por que vocês fizeram o coletivo?

Nós do coletivo nos reunimos pela primeira vez em agosto de 2009 com o intuito de organizar o VIII Expressões Anarquistas em Piracicaba-SP. Depois que o evento terminou, decidimos continuar nos reunindo para realizar outros eventos e ações em prol de nossas idéias, que são o anarquismo, a luta contra o sexismo, homofobia (discriminação contra homossexuais, bissexuais e transgêneros), racismo, especismo (discriminação praticada pelo homem contra outras espécies) e todas as formas de preconceito que existem na sociedade até hoje. Nosso intuito é divulgar o anarquismo para o maior número de pessoas possíveis e fazer o máximo para “revolucionar o cotidiano e cotidianizar a revolução”. Atualmente somos 10 pessoas no grupo.

2- Fale sobre as ações que o coletivo tem feito.

Nos reunimos praticamente toda semana (salvo raras exceções). Nessas reuniões trocamos materiais entre nós (livros, DVD's e etc) e discutimos sobre as ações. Por enquanto fizemos: colagem contra o nazifascismo camuflado, colagem contra o racismo e distribuição de poemas sobre o assunto no Dia da Consciência Negra, panfletagem pró-vegetarianismo no Mc Donald's, oficina de stencil, panfletagem contra o uso de casaco de peles, couro e camurça e o último evento foi a realização da Ceia Anti-Natal no dia 22 de dezembro de 2009, no qual panfletamos sobre o natal (consumismo, mentiras sobre a data e mortes de animais para as ceias) e distribuimos comida vegana gratuitamente.

3- Como a sociedade recebe o coletivo?

Pelo menos por enquanto eu creio que bem. Conversamos bastante com as pessoas na rua, sempre explicando nossos ideais. Alguns concordam, outros nem tanto, mas até o momento a maioria esteve disposta a nos escutar a conversar sobre o assunto proposto nas ocasiões.

4- O coletivo é de Piracicaba e região, o fato de não ser de uma cidade só não é empecilho?

Pelo menos por enquanto não. Na verdade as reuniões começaram em Piracicaba pela iniciativa de se reunir (inicialmente para organizar o Expressões Anarquistas de 2009) ter sido de pessoas da cidade. Depois do evento, além da maioria das pessoas ser da cidade fica mais ou menos perto para todos, sendo o melhor local de reunião. Mas independente disso não pretendemos limitar nossas ações à Piracicaba. Há pessoas também de Americana, Rio Claro, Águas de São Pedro e Limeira.

5- Qual a maior dificuldade encontrada pelo coletivo?

Por enquanto não tivemos nenhuma grande dificuldade, mas acho que somente a forma de conseguir dinheiro para realizar as atividades. Não queremos e não dá para tirar do nosso bolso. Por enquanto fizemos um manguieio no sinal, vendemos rifa e patches mas pretendemos começar a vender salgados veganos para conseguir dinheiro.

Nosso contato é capre@riseup.net





Unuigu nin!



La armilo

Kio estas armilo? Demandis min mia nepo em sia plej subluma pureco infana. La respondo, kiu ĵajnis simpla, facila kaj kuĝanta sur la langopinto, ampleksis profundan temon, pripensigan difinon kaj esploron nuntempe tre gravan en la mondo plena de teroro, kie ni loĝas. La armilo estas rimedo de la perforto, krueleco, venĝemo, supremado kaj krimo!

Ĝi sendistinge taŭgas al la sin defendanto kaj al la atakanto. Same al la murdisto, al la teroristo kaj al la liberalulo. Ĝi estas uzata de la ordonantoj kaj de tiuj, kiuj obeas, de la perforto de supre kaj de la perforto de malsupre.

La armilo estas karesata de la laboristo, kiu lasta ĝin poluras kaj de la krimulo, kiu ĝin uzas! Ĝi mortigas la honestulon, eĉ la laboriston, kiu ĝin fabrikas kaj la soldaton, kiu profesie ĝin mantenas, la policiston, kiu subteras la "ordon", pafmortigas siajn kontraŭulojn ĝin utiligante.

Ĝi ne havas patrimon, nacieco aŭ partion. Ĝi murdas en Ĉinio, Portugalio, Ruslando, Hispanio, Argentino, Urugvio, Ĉilio, Kongio, Vjetnamio, Ugandio. Utiligas ĝin la bolŝevisto, la faŝisto, la socialisto, la nazio, la respublikano, la monarkisto, la diktatoro, la demokrato; la politikistoj de la dekstra, maldekstra kaj centro; la senpartuloj, la negroj kaj blankuloj, la policistoj, la banditoj, la teroristoj je la servo de la leĝo aŭ ekster ĝi, la bonkoruloj kaj malbonuloj. La armilo taŭgas al tiu kiu unuace ĝin tenas.

Viroj lernas en specialaj altlernejoj por lerte ĝin uzi. Poste tiuj ekzercas kaj instruas milionojn de junuloj, kiuj elspezas miliardojn da mono, okupas domojn kaj industriojn por sin provizi, vesti kaj nutri. La perlaboro de grandega amaso da homoj estas ligita al la armilo. Sed ĝi ankaŭ okazigas prosperajn kaj profitdonajn industrion kaj komercon, kiuj disvastiĝas tra la mondo. La armilon oni interesanĝas, aĉetas aŭ vendas por defendi privatajn interesojn, burĝojn, naciojn, por invadi, konkeri, almiliti kaj murdi!

Ĝi taŭgas por "fortigi" la malfortulon, por doni "forton" al la malkuraĝulo, al la krimulo de supre kaj al tiu de malsupre, karaktera aŭ rivelita. La armilo malgravigas la venkiton, pravigas la sentaŭgulon, vantigas la "venkinton", taŭgas por reversi registarojn aŭ ilin enoficigi, por igi ilin diktatoroj, por delokigi da reĝimojn de la maldekstra dekstren kaj tiujn de la dekstra maldekstren!

Kelkiuj sentas sin pli fortaj mantene armilon, aliaj sin altrudas per la armiloj, aliaj ili superregas popolojn kaj naciojn. Ju pli da armiloj ekzistas, des pli oni fabrikas, ju pli da personoj ilin aĉetas, des pli da personoj "sentas" la bezonon de armiloj. La imperioj estas pli fortaj, kiam iliaj entenejoj estas plenplenaj de armiloj por esti funkciigitaj por mortigi, defendante aŭ

atakante.

Laŭ la vidpunktoj de la politikistoj kaj de multaj popolanoj la nacioj estas gravaj ne pro la bonaj agoj, kiujn ili praktikas, ne pro la socia bonfarto de la loĝantoj, ne pro la altaj vivniveloj ekonomiaj kaj kulturaj de la laboristoj, sed pro la fabela kvanto da armiloj, kiun ili tenas en stoko.

La militoj estas delate esplorataj, preparataj projektataj kaj fine deklarataj eksperimente por provi la armilojn kaj stimuli fabrikistojn.

Fabelaj profitejoj estiĝas dank' al fabrikado de armiloj, ekspluado de specialaj ŝtaloj kaj de mineraloj kun granda eksplodiga forto. Vastegaj trustoj pligrandiĝas pro nerompeblaj alianciĝoj ebligantaj la militojn kiuj evitas la rustiĝon de la armiloj, kiuj ekstermodiĝas, kaj tiel nur taŭgas kiel muzeaj pecoj, kaj ties fabrikistoj devus sin turni al negocoj malpli avantaĝaj.

Hodiaŭ pli ol hieraŭ, morgaŭ pli ol hodiaŭ la kvanto de la armiloj maltrankvilige pligrandiĝas kaj ties stokigo. Konsekvence pligrandiĝas ankaŭ la militista forto de la nacioj, la nombro de soldatoj kaj policistoj, la povo de la armeoj, la kvanto de la armilfabrikistoj, la profitoj el senutilaj produktadoj, la danĝero por la vivo de la homaro!

Se eĉ malgranda milito ne minacas nin, kial ni aĉetu armilojn? Tial oni disvastigas la malvarman militon, la spionadon, kaj la onidristoj semas dubon kaj malkonkordon, por ke la profitiga negoco de la armiloj prosperu, la registaroj kaj popoloj pli kaj pli aĉetu armilojn pro la timo, kiun ili sentas antaŭ aliaj registaroj kaj popoloj, kiuj armilojn aĉetas.

Estas tre malfacile priskribi la armilon en ĝiaj plenaj malvarmeco kaj nesentebeco. Determini la minicantan danĝeron, kiun ĝi enhavas, estas neeble; ĉar ni bezonus scii, kiel ekaperis ties esploro, projekto, fabrikado, uso kaj perfektigo.

La armilo estas frukto de la imagpovo de tiu, kiu ĝin desegnas, prilaboras arte, meĥanike aŭ manovras kaj funkciigas ĝin por sin defendi kontraŭ tiuj, kiuj ankaŭ uzas armilojn por ataki, por mortigi; aŭ por garantii en la mondo la homajn rajtonjn, kontraŭ tiuj, kiuj ilin volas rifuzi per armiloj.

Oni povas komprenigi la armilojn kiel instrumenton kun multaj utiloj, esplorata kaj perfektigata de la homa menso, kies valoro estas ju pli alta, des pli granda estas la nombro da homoj, kiujn ĝi kapablas mortigi. Ĝiaj sukceso, krima, murdisto gravecoj devenas el la arto, sperto kaj kapablo de ties investisto kaj fabrikisto. La prezo, mendindeco, utilo kaj uzado, dependas ĉiam de la rapideco por mortigado de homoj je granda aŭ malgranda distanco, en la preciza mezuro de la supereco, kiun ĝi donas al la uzantoj kaj ties aŭtomateco kaj kvanto da mortigiloj, kiujn ĝi disĵetas posekunde. Helpe de la homa menso la armilo estiĝas kun antaŭfiksita celo krei malfeliĉaĵojn, disverŝi sangon, fari invalidojn kaj kriplulojn, neniigi hejmojn, dissemi mizeron, disĵeti la teruregon, frenezecon, bruligadon kaj detruadon. La armilo valoras laŭ la mortigoj, kiujn ĝi faras.

La armilon "bona", serĉeata, dezirata, grava, kiu okazigas la grandajn kverelojn en la estanteo kaj en la estinteco, oni taksas laŭ la aŭtomateco, la detruoj, la personoj, kiujn ĝi buĝas. Ju pli malproksime ĝi trafos, ju pli granda estos ĝiaj povo kaj agado, rapideco, kvanto da pafoj posekunde, des pli granda estos ĝia valoro, des pli oni deziras, des pli facile oni

ĝin donataj al la reputacio de la investistoj kaj fabrikistoj, des pli granda estas la malsekureco de la homaro.

Sed, ĉu nur la armilo – simbolo de la malbono – respondecas pri ĉia perforto, pri la milionoj da krimoj farataj dum la fluado de la jarcentoj? Nu, ĉu la armilo estas la resume de aĉio, kio estas malutila, ĉu ĝi respondecas pri la starigo kaj daŭrigado de la registaraj tiranecoj, pri la militoj, pri la tenado de koncentrejoj, pri la regimoj de socia malegaleco? Mi kredas ke ne! Ĉar verdire ĉio kreiĝas en la homa menso, do la homo estas la nura respondeculo pri aĉio malbona, kio viktimitigas nin.

La armilo estas frukto de la imagpovo, temperamento, emocia kaj psika statoj, deliktaj inklinoj, malsana menso homaj. La armilo estas simpla instrumento por miloj da makiavelaj fantazioj de la homo, el kiuj ĉiu pli danĝera ol la alia.

Por ke armiloj ne plu estu necesaj sufiĉas, ke oni resangi la homon kaj forprenu ĝin el la timegoj, en kiujn ĝi falis; ke oni detruu la nerealan, fantazian mondon, kie ĝi vivas; ke oni elradikigu la malutilajn impulsojn, kiujn ĝi posedas kaj ĝin bonigu por si, por la siaj, por la grupo, por la socio. Nur nova homo, fidelema, instruita laŭ la homama principaro de la politika kaj socio egalecoj bazita sur la Frata Amo, povos malbezoni la armilojn kaj liveri ilin al la muzeoj por antikvaĵoj.

Dum ĉi tio ne okazos, ni difinu: Armilo: - "Instrumento de la malsana kaj deliktima imagpovo de la Homo!"

Por Edgar Rodrigues



Flash de Luta

Um suave som ao longe. A medida que os ouvidos se acostumam pode-se distinguir uma palavra e por vezes uma frase completa, há várias pessoas gritando, procurando exprimir algo semelhante a uma ordem. Aos poucos o silêncio vai se impondo, um murmúrio aqui, outro ali, vão se tornando mais esporádicos e por fim o silêncio relativo dentro daquela sala mal iluminada e cheia de fumaça, imprimindo a cena, uma sensação de déjà vu em algum romance barato sobre o século XIX.

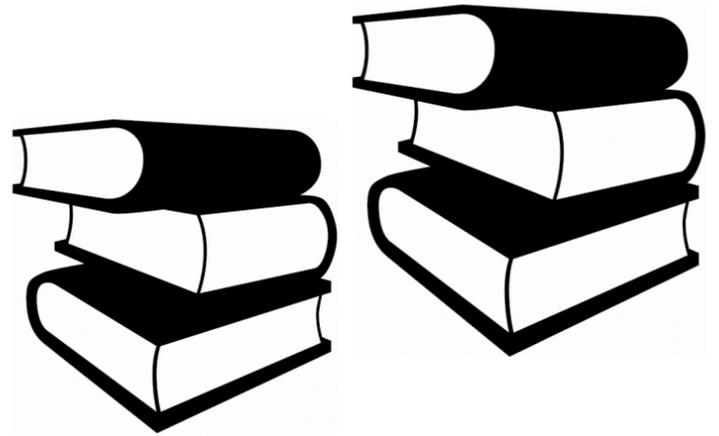
Ali estavam muitxs que nunca haviam participado de um combate ou mesmo de alguma tomada de decisão em coletivo. Muitxs viviam em meio a torpeza de seu egoísmo e não ligavam para seus próximxs. Em menos de uma semana este quadro havia se modificado e deviam muito a contragosto, se unir com pessoas estranhas. Em fim, era o preço de um processo de resistência em que haviam entrado. O início da noite estava destinado a uma avaliação do que estava ocorrendo no país e muito especialmente na região declarada comuna livre, um amontoado de bairros do que fora uma cidade de uns 3 milhões de pessoas. O clima era animado, embora o cansaço se mostrava vivo na face dxs “comunitárixs”, como haviam estabelecidos se chamarem.

O local da reunião era um ginásio de esportes, para poder caber todos os interessados, já que não havia restrições quanto ao número de participantes nas reuniões diárias da comuna. Em um rápido olhar, via-se centenas de olhares em torno de uma plataforma ao centro da quadra, cercada por alguns milicianxs armadxs, cada qual com uma arma diferente. Seis caixas de som com um tamanho médio, conectadas a um microfone, formavam o palanque aonde se revezavam xs representantes das diversas seções da comuna. Cada umx, dizia como estava a situação de sua seção, os problemas com a falta de alimentos, com as deserções, os feridos e as soluções que estavam implementando dentro da seção para amenizar a recente falta de suprimentos e quase sempre terminavam em um pedido de apoio das outras seções. Algumxs criticavam o excesso de autonomia das seções, outrxs ao contrário, pediam maior liberdade, lembrando que esse era o ponto que deveria ser mais desenvolvido dentro dos limites da comuna.

Fora daquele local, haviam milicianxs andando em bandos, sem rumo, descontraídxs. Os holofotes vasculhavam o céu, procurando algum brilho indesejável. Os ataques dxs reacionárixs haviam parado por dois dias, em várias cidades; em outras, as ruas era palco de uma luta fratricida, onde sempre o excesso de violência de ambos os lados era aterradores, mesmo para combatentes experimentadxs. O governo mantinha seu exército 24 horas de prontidão, vários pelotões estavam há vários dias em combate. Os soldados sentiam o desgaste físico da luta. Todos os suprimentos, oriundos do exterior, acumulavam-se na retaguarda, esperando os desgastados cumprirem seu dever. Pelo lado dxs milicianxs a situação não era melhor, e até se agravava, já que não tinham a quem pedir ajuda material.

A ONU lavarás suas mãos, deixando que a guerra civil se culminasse. Afinal, ninguém esperava de um povo com uma índole pacífica como aquele entrasse neste caminho extremo e doloroso da política por outros meios. Mesmo assim, foi enviando pequenas tropas de capacetes azuis só para constar.

Nas cidades em que os ataques haviam parado, procurava-se organizar o socorro axs feridxs, o controle dos poucos remédios em estoque e enterro dos mortos. Várias destas cidades organizaram hospitais improvisados, carentes de vários itens, principalmente de médicxs, já que muitos haviam fugido, assustados com as hordas populares contra donos, patrões e cia que incrédulos ao que acontecia, haviam ficado em seus lares e escritórios e por isso sofreram a justiça popular, implacável, obsequiosa de sangue para aplacar sua sede de séculos de silêncio imposto por grilhões jurídicos. Nas entradas das cidades comunais, viam-se as cabeças e corpos, resultado da justiça popular, implacável e incompreensível para aqueles que não sofreram diariamente o aperto gradiente da fome, da injustiça, da violência e da degradação de seres humanos que retrocediam as cavernas primitivas em meio ao progresso espacial.



Impressões

De tempos em tempos, a necessidade de escrever algo que possa ter algum significado mais amplo se torna mais forte e tenho que escrever. O problema é que ao deparar com o fundo branco que solicita as tais letras, nada sai, nada e isso me exaspera de tal forma que abandono a iniciativa, mas fica a sensação que devo escrever, de quem precisa de ar e não consegue obtê-lo, sendo sufocado pela falta do essencial.

Aos poucos procuro em vão uma inspiração que me leve a escrever páginas e páginas. Mas fica sempre a sensação de vazio. Busco então a inspiração nos livros.

Oh! Que grande decepção é ir aos livros buscar inspiração. Com eles, a sensação de que, além de escrever, tenho que ler, e em muitos casos, são vazias histórias de imaginações idênticas e padronizadas, usando uma codificação que será obsoleta em poucos milênios. Aquilo que agora é o mais profundo e avançado, não passa daqui a pouco de mais um punhado de letras mortas e enterradas em seus sarcófagos de celulose. Mas tal como um rei egípcio a espera da vida pós-morte, aqueles códigos aguardam sua ressurreição.

Mas a forma de voltarem a vida é tornarem-se significados diferentes do que foram ao serem impressos e mesmo o autor de tais combinações, ao repassar as linhas, já não as conhece.

Quem se transformou? O olhar de quem lê ou os códigos impressos. Podemos imaginar que códigos não se transformam, são imutáveis, são perenes, são eternos (até que uma traça qualquer a transforme em sua refeição) e trancafiam em sua estrutura uma fórmula de compreensão que é sua razão de existir e permanecer o que é. Mas então por que a sensação de que se transformam, que guardam mais de um significado? Não seria apenas uma ilusão de ótica, em que a pluralidade de interpretação está não na codificação impressa, mas em que a interpreta. Um parecer óbvio, mas que se nós o levamos a sério temos uma terrível constatação, que onde tenha algo impregnado de impressão humana, não é senão uma marca particular e que isso leva a uma gradiente busca de um suposto significado único, o que é não acontecerá. As impressões geram impressões, que geram impressões num continuum indeterminado.

É necessário imprimir coisas?



ANARKIO.NET

Só a luta nos trará a dignidade e liberdade!



Lembre-se



Se materiais anarquistas ficarem nas estantes e nas bibliotecas privadas, isso dificultará o acesso ao conhecimento.

Já pensou em disponibilizar seus materiais a outr@s (vizinh@s, parentes, amig@s, a comunidade, em coletivos)?

De fazer um espaço cultural social/libertário com outr@s?

Livros anarquistas são mais do que livros, são BOMBAS de transformação social e não merecem implodir em estantes privadas.

Difunda o anarquismo, compartilhe suas idéias e seu conhecimento, não o deixe criar teias de aranha nas prateleiras!

ANARQUISMO NÃO É MERCADORIA!

Livros são bombas
Livros são armas
Livros são sementes de emancipação social!

Exploda-as, use-as, regue-as na construção do anarquismo com práticas libertárias!

Barricada Libertária - lobo@riseup.net
Fenikso Nigra fenikso@riseup.net
http://anarkio.net
Movimento Anarquista

Listas Libertárias

Fenikso Nigra <fenikso@lists.riseup.net>
fenikso-subscribe@lists.riseup.net

Expressões Anarquistas <expressoesanarquistas@lists.riseup.net>
expressoesanarquistas@lists.riseup.net

mais info: lobo@riseup.net

Correspondência p/ ((A)) Info:

CP: 5005 | CEP:13036-970
Campinas - São Paulo.

http://anarkio.net

ainfo@riseup.net
Ano 01 - Nº 16
Janeiro de 2013
Contribuições voluntárias serão bem vindas!

VELHAS NEGRAS

ANARQUISMO

Na rede social, nos ajude a divulgar o anarquismo, prestigie a página, curta e vá para luta ...

https://www.facebook.com/asovelhasnegras

LIBERTE SUA MENTE!

Sem igualdade econômica, a igualdade social e política é uma farsa!